

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

ALUNA – ROSANGELA APARECIDA DALSENTER ROMANO DA SILVA

DER - 116189211

SIMPLESMENTE SOPHIA - SUA POESIA, SEUS LUGARES MÁGICOS E O MAR:

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português literatura

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Orientadora:

---

Professora Doutora Gumercinda Nascimento Gonda

Leitor Crítico:

---

Professor Doutor Godofredo de Oliveira Neto

**UFRJ**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**SIMPLESMENTE SOPHIA -**  
**SUA POESIA, SEUS LUGARES MÁGICOS E O MAR**

**POR**  
**ROSANGELA APARECIDA DALSENTER ROMANO DA SILVA**

Rio de Janeiro

2022

AUTORA - ROSANGELA APARECIDA DALSENTER ROMANO DA SILVA

TÍTULO DO TRABALHO: SIMPLEMENTE SOPHIA -  
SUA POESIA, SEUS LUGARES MÁGICOS E O MAR

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel  
em Letras na habilitação Português- literatura.

ORIENTADORA : PROFESSORA DOUTORA GUMERCINDA NASCIMENTO GONDA

Rio de Janeiro

2023

## Sumário

1	Introdução.....	5
2	Biografia de Sophia por Sophia.....	8
2.1	Simplesmente Poesia.....	9
3	Os lugares e Espaços Mágicos de Sophia.....	14
3.1	O interior – Lugares fechados e restritos.....	15
3.2	O exterior – Espaços abertos e amplos.....	18
4	O Mar .....	21
4.1	Mar Primordial.....	24
4.1.1	O mar primordial de Sophia.....	25
4.1.2	Mar liberdade.....	28
4.2	Mar das navegações .....	29
5	Conclusão.....	34
6	Referências Bibliográficas.....	36

## 1 – Introdução

Sophia de Mello Breyner Andresen foi uma das mais importantes poetas portuguesas do século XX. Nasceu no Porto em 06/11/1919. Filha de pai dinamarquês, foi criada no seio da velha aristocracia portuguesa. Sua educação, pautada nos valores tradicionais de moral cristã, foi acompanhada de uma aprendizagem e de uma interiorização dos aspectos da natureza e de sensibilidade social e humana.

O interesse em conhecer um pouco mais de Sophia Andresen e sua obra, principalmente suas poesias, me levou a buscá-la para meu trabalho de conclusão de curso. Não posso deixar de citar a professora doutora Gumerinda Nascimento Gonda - Literatura Portuguesa da UFRJ, o seu fervor e a paixão ao apresentar em sala de aula algumas de suas obras, despertando em mim uma curiosidade e um desejo de “visualizar” as evocações poéticas de uma das mais proeminentes poetas lusitana, a primeira mulher a receber o importantíssimo prêmio literário da língua portuguesa, o Camões<sup>1</sup> em 1999.

*Tavares (1944)*, em seu artigo na revista *Colóquio*, escreveu que “Sophia surge no cenário literário português, principalmente na poesia, como alguém que não quis fazer versos, mas, que precisou dizer as visões maravilhosas que trazia, o entendimento misterioso do universo que nela cantava num ritmo intenso”.

Em sua *Arte Poética II*<sup>2</sup>, declara que “todo poeta é um artesão de uma linguagem e que o artesanato das artes poéticas nasce da própria poesia. Se um poeta diz: “obscuro, amplo, barco, pedra, é porque estas palavras nomeiam a sua visão: do mundo, a sua ligação com as coisas”. Ela utiliza as palavras pelo seu poder poético de estabelecer uma aliança como forma de interpretar e dominar intelectualmente o mundo pelo espírito humano e o instrumento para essa dominação é através dos signos, nomes, símbolos, metáforas, que os nomeia e renomeia e dão sentido à realidade exterior, conferindo-nos a magia da ilusão e do domínio do saber.

O seu pensamento onírico é de uma pureza essencial de sentimento e de expressão; a sua imagética compromete-se com o mundo exterior, interiorizando-o e retransmitindo-o, pautado pelo rigor e exigência ética, sem se afastar da expressão da sua vivência poética, tudo convergindo para a solidez do seu trabalho que assume um tom mítico e profundo, sonhando com suas memórias, ambíguas no tempo como profecias, ou fulminando com suas maldições

---

<sup>1</sup> Prêmio Camões – É um prêmio Instituído pelos Governos de Portugal e do Brasil em 1988 com a finalidade de estreitar os laços culturais entre os vários países lusófonos e enriquecer o patrimônio literário e cultural da Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> *Obra Poética* (2018) p.895

enigmáticas a fragilidade humana. Sua poética foca os mais variados temas e espaços, e há uma recorrência de temas/palavras, que atestam o investimento afetivo e a instrumentalidade mágica dos seus poemas, como mar, praia, areia, espuma, sol, vento, céu, dia, navio, ar, ilha, casa, jardim, sonho, noite.. Estas palavras, encontramos-las desde o seu primeiro livro<sup>3</sup> até o último, e em todos os gêneros praticados. Elas afirmam e reafirmam a sua ligação com a natureza e com tudo que a cerca e representa. É uma procura constante do real, da harmonia e da pureza, como declarou Vasconcellos, “numa procura do que lhe dá felicidade, do que cria uma necessária liberdade, da busca do ser um com o universo: o regresso total ao paraíso “, ou ainda, como observa *Carlos Ceia*(1996 p185.):

“Sophia é uma cidadã espiritual de um mundo onde ela penetra tão profundamente que tudo o que existe se torna a sua própria identidade, repetindo a velha máxima de que o mundo é a sua desejada biografia. A arte e a vida de Sophia brotam da experiência do próximo, daquilo que está no mundo, de um mundo que ela escrutina até se confundir com os seus elementos primordiais: o vento que passa, o cintilante íntimo que só os poetas são capazes de firmar com a Natureza e com a função primária”. (CEIA, 1994, p. 183)

Seu talento se evidencia no olhar, numa contemplação onírica de grande alcance e magia que lança ao seu redor, sobre a paisagem que a cerca e a tudo que a compõe, um olhar capaz de capturar uma realidade visível, invisível, profunda e infinita. Essa experiência do olhar e a percepção revestida por todos os sentidos, na arte poética, é a porta para a experiência, maneira pela qual concebe-se e se constrói a realidade, lhe atribuindo valores, memórias, sentimentos e intimidade, vinculados ao espaço e ao seu próprio eu.

Dentre as inúmeras possibilidades de estudo que a obra de Sophia nos proporciona, elegi como objetivo do trabalho tentar compreender um pouco mais da sua arte poética. Face a pujança da sua produção literária, tomei como referência a **Obra Poética** (2018), a qual reúne poesias selecionadas dos seus quatorze livros<sup>4</sup>: Poesia, Dia de Mar, Coral, No Tempo Dividido, Mar Novo, O Cristo Cigano, Livro Sexto, Geografia, Dual O Nome das Coisas,

---

<sup>3</sup> -“Poesia” publicado em 1944, que de acordo com Maria de Lourdes Belchior (1986), desde então que o itinerário poético de Sophia se esboçou com nitidez, contendo incipientes, quase todos os elementos que vão constituir-se como característicos de seu mundo.,

<sup>4</sup> - Cronologia e livros de poesia publicados: 1944 -“Poesia”, 1947 - “Dia do Mar”, 1950 “Coral”, 1954 “No Tempo Dividido”, 1958 “Mar Novo”, 1961 “ O Cristo Cigano”, 1962 “Livro Sexto”, 1967 “Geografia”, 1972, “ Dual”, 1977 “O Nome das Coisas”, 1983 “Navegações”, 1989 “ Ilhas”, 1994 “Musa”, 1997 “O Búzio de Cós e Outros Poemas”,

Navegações, Ilhas, Musa, O Búzio de Cós, além das cinco Artes Poéticas, poemas dispersos e outros inéditos.

Mostrarei brevemente os espaços mágicos da poeta que podem ser os espaços interiores ou fechados como o quarto, a casa, ou os espaços exteriores amplos e abertos como a praia e o mar. Darei maior destaque às poesias relacionadas ao mar que, como ela mesmo confessa, é um elemento privilegiado na sua escrita desde o início e torna-se constante em toda a sua obra.

Todo texto poético é algo camaleônico, transgressor. A poesia apresenta uma dimensão transgressiva, e como tal, faz com que a olhemos com outros olhos, e não o olhar habitual, a tudo que se passa junto a nós e apesar de nós. O poeta lança mão dos mais variados recursos linguísticos para externar a complexidade do conteúdo de sua imaginação e esta tarefa de analista torna-se um tanto paradoxal. *BORIS SCHNAIDERMAN (1980, p.5)* afirma que, “analisar um poema é algo impossível, uma vez que o texto poético, por sua própria natureza, tem múltiplas entradas e significados e que o indefinível ou o indefinido faz parte da sua característica mais profunda”. Diz ainda que, a forma da poesia é uma, indivisível e idêntica em todos os poetas, porque é a forma da beleza espiritual. Ela não pode ser explicada pelos elementos materiais, nem tão pouco ter suas formas fragmentadas, ou ainda, pelo estudo dos vocábulos. “A cada nova leitura realizada, a cada nova análise de um texto realmente poético, novos caminhos se descortinam e toda análise pede outras análises, como se os véus se multiplicassem ao infinito”.

Como material de pesquisa, além da obra de Sophia Andresen já citadas, utilizarei outras fontes de pesquisa como, livros diversos, entrevistas, artigos publicados, além de trabalhos acadêmicos, os quais estarão relacionados nas consultas bibliográficas no final do trabalho.

## **2 – Biografia de Sophia por Sophia.**

Sophia, nome originário do grego que significa sabedoria. Sabedoria de esquivar-se falar de si, mas, falar da natureza, dos elementos primordiais como a luz do sol, as águas dos mares e rios, do ar e do vento, da terra selvagem e cheia de vida, dos elementos abstratos como a vida e a morte, a ordem e caos e das verdades absolutas.

É a poeta que está permanentemente em comunhão com os espaços, com os movimentos e os fenômenos que a cercam, como a luminosidade da praia e do mar, o vento, a terra e o sol. A sua vida é o mar de Abril, que parece estático, mas está em um movimento constante. Seu interior, volta-se para fora, escutando e captando todos os “ruídos” possíveis os quais são gravados na sua escrita e transforma-se na sua marca no espaço e no tempo.

Sophia confessa sua procura por Deus no mundo, mas reconhece que é só através da experiência do real que Deus se revela. Essa busca transcende as suas características individuais que a torna única, diferenciada e se estende ao mundo como um todo, e através de todas as presenças caminha para a única unidade.

A minha vida é o mar de Abril a rua  
 O meu interior é uma atenção voltada para fora  
 O meu viver escuta  
 A frase que de coisa em coisa silabada  
 Grava no espaço e no tempo a minha escrita

Não trago Deus em mim mas no mundo o procuro  
 Sabendo que o real o mostrará  
 (...)

“Poema” – Livro “Geografia”

É a poeta que diz: “Em terra de ninguém é onde eu vivo E não sei quem sou...” A sua poesia quer ser impessoal e só os dados objetivos da consciência parecem contar. Ela busca na sua poética a sua própria identidade e faz dos elementos a sua biografia, o seu retrato, a sua vida. Sua identidade é encontrada na sua relação direta com o mundo.

A terra o sol o vento o mar  
 São minha biografia e são meu rosto

Por isso não me peçam cartão de identidade  
 Pois nenhum outro senão o mundo tenho  
 Não me peçam opiniões nem entrevistas  
 Não me perguntem datas nem moradas  
 De tudo quanto vejo me acrescento  
 (...)

“Poema” – Livro “Geografia”

E a hora da minha morte aflora lentamente  
 Cada dia preparada.

“Poema” – Livro “Geografia”



No último verso do poema Sophia faz uma reflexão sobre a morte e pode-se inferir como uma valorização da finitude da vida, incentivando uma apreciação plena do presente.

Neste poema, a poeta exibe uma postura aberta e atenta voltada para fora, a busca de Deus no mundo, a identificação com a natureza como parte essencial de si mesma e a valorização da vida, do presente em face da finitude.

## 2.1 - Simplesmente Poesia

“A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, sua pureza essencial de sentimento e de expressão, a sua imagística de árvores e ventos, de praias e de mar, de noite e de sol, coado pela vibração do momento, a sua concentração disfarçada numa dicção fluente e difusamente visionária, o rigor de uma exigência ética aplicada sem desfalecimentos à expressão de uma contínua e ininterrupta vivência poética – tudo isto, como que cria uma túnica inconsútil, sólida, impenetravelmente austera, de uma fascinação que repele a análise, e revestida da qual o poeta assume um tom de sibila mítica, fria e distante, sonhando as suas memórias ambíguas no tempo como profecias, ou fulminando as suas maldições enigmáticas a fragilidade humana.(...) É uma das vozes mais nobres da poesia portuguesa. Entendamos, por sob a música dos seus versos, um apelo generoso, uma comunhão humana, um calor de vida, uma franqueza rude no amor, um clamor nobre de liberdade – aos quais, como o poeta ensina, devemos erguer-nos sem compromissos nem vacilações” (*JORGE DE SENA, "Alguns Poetas de 1938" in Colóquio : Revista de Artes e Letras, nº 1, Janeiro de 1959*)

Há uma reflexão de Sophia<sup>5</sup>, que utiliza um verso de Teixeira de Pascoaes que diz: “Ignorante de versos é o poeta”, para expor que toda e qualquer definição de poesia tem um limite, pois não há como conceituar tudo o que a poesia é. A poeta define que a palavra poesia é usada em três sentidos:

“Poesia à Poesia em si, independente do homem”. A poesia é a própria existência das coisas em si e não fomos nós que criamos o mundo, a beleza existia antes do homem;

---

<sup>5</sup> - Sophia de Mello Breyner Andresen, “Poesia e Realidade” -Colóquio Revista de Artes e Letras, abril de 1960 – nº8

“poesia à relação do homem com a Poesia do Universo”, é a relação do homem com o real, tomando-o na sua pura existência. “o poeta é aquele que vive com as coisas, que está atento ao real, que sabe que as coisas existem”. A união com a Poesia e não o poema é a finalidade do poeta. Mas por mais real que seja o encontro, nunca é total; por mais funda que seja a união, nunca é absoluta. Há sempre uma lacuna, uma ferida, um espinho em seu peito e, em meio a esta dor e a este vazio surge o poema como medianoiro, que conduzirá o poeta para além do poema, para além da loucura, na busca para o encontro total, o caminho para os Deuses.

“O poema é a linguagem da poesia”. É uma relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência. O poema é aceitar a existência do poeta e aparece ao lado da lacuna como um medianoiro, como forma de tornar total o que estava incompleto.

Não podendo fundir totalmente a sua vida com a existência das coisas, o poeta cria um objeto em que as coisas lhe aparecem transformadas em existência sua. Não podendo fundir-se com o mar, o vento, cria um poema onde as palavras são simultaneamente mar e vento, ou seja, o seu ser e a realidade estão indissolúvelmente unidos” *ANDRESEN (1960, p.53-54)*

Em sua *Poética II*, Sophia escreve que a poesia não pede qualquer especialização pois trata-se de uma arte do ser. Ela não exige tempo nem trabalho, nem tão pouco de ciência, estética ou qualquer teoria específica, “pede-me sim, a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência e uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar.” O poema é a liberdade, é uma reflexão sobre a natureza da poesia e a sua relação com a liberdade. Com uma linguagem simples, sucinta e precisa o poeta explora a ideia de que a poesia “acontece”, mas para isso exige disciplina, como a contagem das sílabas, e atenção com as formas e a estrutura da escrita..

Um poema não se programa nem são artificialmente criados ou impostos. Ele, o poema, é como uma manifestação de liberdade que independe das amarras do controle humano. –“ É como se os Deuses o dessem”.

O poema é  
A liberdade

Um poema não se programa  
Porém a disciplina  
- Sílabas por sílabas –  
O acompanha

Sílabas por sílabas  
O poema emerge  
- Como se os deuses o dessem  
O fazemos

(O Nome das Coisas, 1977, p.37)

Parecendo dialogar com Sophia, *Tavares(1944)* acrescenta que a poesia é algo indefinível que vive ou paira, existe e não existe. É uma maneira íntima de “adivinhar” as coisas, de fundir o ritmo do mundo com o nosso ritmo, o sinal secreto da beleza, uma pura e secreta intuição da verdade. *Bachelard (1998)* já nos alertara: a imaginação criadora ou poética é algo imprevisível que relaciona-se a um súbito impulso material como resultado de algo inesperado ou pitoresco, de uma novidade. É uma “imagem” real que se apresenta num instante, despertando e vivificando a imaginação à qual relacionar-se-á a um arquétipo adormecido no inconsciente, no fundo do ser, no primitivo e no eterno. Essa “matéria imagética” ressoa em ecos e repercutirá no âmago do poeta e emergirá na sua consciência como um produto do coração, da alma, da sua escrita.

“Sophia surgiu como alguém que não quis fazer versos; mas precisou dizer as visões que trazia, o maravilhoso entendimento do universo que nela palpita num intenso ritmo”. *TAVARES(1944)*.

Sabe-se que o encontro com a poesia aconteceu ainda na sua infância, quando, aos três anos de idade, muito antes de aprender a ler, aprendeu a recitar de cor “Nau Catrineta”, um poema tradicional português que lhe foi ensinado por uma criada. Em sua *Arte Poética V*, Sophia declara:

Tive assim, a sorte de começar pela tradição oral, a sorte de conhecer o poema antes de conhecer a literatura. Confessa ainda que não sabia que os poemas eram escritos por pessoas, mas julgava que eram a respiração das coisas, o nome deste mundo dito por ele próprio. Pensava também que, se conseguisse ficar completamente imóvel e muda em certos lugares mágicos do jardim, conseguiria ouvir um desses poemas que o próprio ar continha em si.declara. (*ANDRESEN, 2018, p.904*)

Um pouco mais tarde, entre os três e os sete anos, aprendeu de cor os poemas de Camões, Antero de Quental, entre outros, sob a influência do avô, grande apreciador de poesia com quem Sophia declarou ter tido uma relação extraordinária.

Em entrevista concedida a *Vasconcelos*, a poeta confidenciou que este contato precoce com esta literatura em versos, contribuiu profundamente para a sua noção de poesia uma vez que teve conhecimento dos poemas muito antes de saber o que era literatura e a história da literatura. A relação estabelecida foi um poço imaginário onde visualizava as ondas do mar, os barcos, os jardins com suas flores e seus aromas e certamente, conseguiu visualizar, para além de sua tela mental, os versos ouvidos, pois sua fantasia de menina emergia com tamanha força, que passou a escrever o que via e sentia, estabelecendo uma relação vital que pautou toda a sua vida. Na sua percepção “o poema aparece feito, emerge, é como se fosse dado, é como um ditado que escuto e anoto.

O poema “Musa” é curto e introspectivo e tem como tema central a busca da inspiração poética, personificada na busca da musa – figura mitológica associada a inspiração artística.

Sophia se coloca em uma posição de silêncio, quietude e passividade, sentada com as mãos sobre os joelhos, demonstrando estar à espera, pronta para “ouvir” o poema. A partir dessa espera, o poeta dirige-se à musa pedindo para que ela ensine o canto. Expressa o desejo de ouvir a voz da musa e revela um anseio pelo poder da palavra poética que muitas vezes escapa ou se revela de forma inesperada e repentina.

Musa

Aqui me sentei quieta

Com as mãos sobre os joelhos

Quieta muda secreta

Passiva como os espelhos

Musa ensina-me o canto

Imanente e latente

Eu quero ouvir devagar

O teu súbito falar

Que me foge de repente

(Dual, 1972)

No prefácio de sua *Obra Poética* a poetisa revela-nos o momento exato em que começou a escrever: “Foi numa noite de Primavera, uma incrível noite de vento leste em junho. Nela o fervor do universo transbordava e não podia reter, cercar, conter — nem podia desfazer-me em noite, fundir-me na noite.” *ANDRESEN (1960)*

Na *Arte Poética IV* iremos encontrar Fernando Pessoa, uma influência determinante na sua poética, que dizia: “aconteceu-me um poema” e, a sua maneira, para que a poesia possa se materializar e ganhar forma em um poema tem que despender um esforço de escutá-lo, uma especial atenção e concentração, e um esforço profundo para ouvi-lo todo, sem qualquer intervenção pessoal, para que ele, o poema, possa dizer-se. “A poesia é a realidade das coisas e está presente mesmo onde ninguém a vê e onde ninguém a conhece, pois a poesia é a própria existência das coisas em si, como a realidade inteira, independente daquele que a conhece” *ANDRESEN (1960)*.

Avesa às modas ou escolas literárias, declarou a Vasconcelos que “nunca fora neo-realista, nem surrealista, nem concretista, nenhuma dessas coisas. Penso, porém, que a minha poesia actual é mais elaborada do que era inicialmente.” *ANDRESEN (1991)*.

Examinando sua *Arte Poética II*, nos diz que “a obra de arte faz parte do real, uma explicação do universo, um encontro com as vozes e as imagens”. Sua escrita é um exercício de simplicidade sobre as coisas concretas que se funda nas coisas simples e fáceis de entender ou expressar. Dessa forma, buscou estabelecer uma aliança com as coisas do mundo, advindo daí sua persistência na utilização das palavras em seus escritos, as quais, teriam que ser rigorosamente precisas e absolutamente indispensáveis para uma relação real e de inteira verdade e transparência com a vida, “Daí o obstinado rigor do poema. Daí a inteireza, a intransigência sem lacuna, a túnica sem costura que o poeta deve arrancar da sua vida que se quebra, gasta, daí a atenção e a obstinação sem trégua exigidas ao poeta.”<sup>6</sup>.

Sophia não fala de si, esquivava-se de registrar fatos da sua vida estritamente pessoal. Afirma que “a arte é uma mimesis que só se dá quando o artista põe o eu entre parêntesis”, se despersonalizando. Parecendo dialogar com Sophia, (*CEIA, 1996, p.27*), acrescenta: “a arte é aprendida como experiência à qual se subtraiu o experienciado”.

A escritora confidencia que ao escrever, costuma fazê-lo num pequeno quarto em sua casa; “é um quarto tão pequeno, sem cortinas, sem tapetes, sem nada, vazio”.

Procura tornar-se uma tela em branco, criar em si própria um vácuo, pois ao escrever não vê nada senão outra coisa. Só os dados da sua consciência contam e que se sente capaz de fazer deles o seu próprio rosto. Daí, sua poesia revelar uma imensa fidelidade para com as suas reminiscências e suas memórias afetivas as quais, excluiu o eu como sujeito, e ficou só a experiência em si própria, o eu poético.

Na entrevista a *Vasconcelos (1991)*, confidenciou ainda que: “ Não construo teorias, não invento, vejo, lembro-me do que vi e do que vivi.”

Para *Bachelard (1998)*, a imagem poética não está submetida a um impulso e nem é um eco do passado, mas sim, pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não há como aquilatar a profundidade irá percutir e cessar. A poética que emerge na

---

<sup>6</sup> - Sophia de Mello Breyner Andresen – “Arte Poética II”, *Obra Poética (2018)* p. 895-896.

consciência do poeta torna-se um produto nascido direto do coração, da alma, do âmago do ser do homem tomado em sua totalidade.

A obra de Sophia Andresen, além da beleza poética, metamorfoseou a realidade fazendo surgir um universo temático bastante amplo e multiforme, realçados pela perfeição e pela beleza. É o espaço poético onde o eu-lírico procura a inteireza e a união de si próprio, e o espaço aberto que oferece a plena liberdade do corpo e da alma e onde acontece o interminável jogo que transita permanentemente entre os quatro elementos primordiais; o Ar e sua brisa, ventos e sopros; o Fogo, facetado pelo sol, a luz, o lume; a Terra com sua natureza exuberante, sua fauna e sua flora e, a Água com seus rios, fontes e a imensidão do mar sem fim. Com estes elementos Sophia busca a beleza poética, o fascínio, a meditação, o reencontro e a comunhão com o primitivo, as origens.

É uma tentativa de se fundir com todos os elementos cósmicos como se fizessem parte do seu corpo e com sua própria vida, como nos poemas “Pã” (2018, p.263) e “Mar” (2018, p. 69).

“Os troncos das árvores doem-me como se fossem os meus ombros  
Doem-me as ondas do mar como gargantas de cristal  
Dói-me o luar – branco pano que se rasga.”  
(Coral 1950)

Metade de minha alma é feita de maresia.”  
(Poesia, 1944)

Como observa Eucanaã Ferraz:

“A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen está entre nós, concreta e viva. É uma voz, vem de uma natureza – um corpo – que nunca se repete. Nela reencontramos o sentido mais profundo do que seja um idioma, compreendido como fluxo, fundado cada vez que se fala, mas também reconstituímos em nós uma expressão comum, ou seja, anônima, na qual o particular e o coletivo se reconhecem num tecido sem fissuras”. *Eucanaã Ferraz (2018)*

### **3 – Os lugares de Sophia - Espaços mágicos**

Lugar pode ser um espaço físico e real que nos envolve, que serve de palanque à ação, onde se desdobram os dramas e a vida, sem contudo afetar o palco, cujo papel é de apenas permitir a interação. Pode ser também um lugar social constituído pelo ambiente social e os personagens figurantes. Temos ainda o lugar psicológico que é um espaço interior revestido de significado afetivo, como suas vivências, seus pensamentos e sentimentos.

*TUAN, Yi-Fu (1983)*, diz que “Lugar é uma mistura singular de vistas, sons, cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...) Sentir um lugar é registrá-lo pelos nossos músculos e ossos e implica no entendimento da relação de temporalidade e significação do espaço em questão.” (...) O lugar é a segurança, algo concreto como a casa, o quarto, a gaveta. Já o espaço é mais abstrato, é a praia, o mar, a liberdade; Estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro”.

No universo poético de Sophia de Mello Breyner Andresen, encontramos uma diversidade de lugares e de espaços que demarcam uma interação especial entre ela e o cosmo. Estes espaços da poetisa podem ser: um ambiente interior, pequeno, fechados e humanizados; um centro de calma, de valores estabelecidos. É o refúgio e a dependência. Já os espaços exteriores, abertos, imensos como o jardim, a cidade, o mar, sugerem futuro e é um convite à ação. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável pois não há caminhos trilhados nem sinalização. É como uma folha em branco, que pede para ser preenchida e na qual se pode imprimir qualquer significado.

### **3.1 - O interior – espaços fechados e restritos**

Em entrevista concedida a *Eduardo Prado Coelho* (1986), a poeta confessa;

“Tenho muita memória visual e lembro-me sempre das casas, quarto por quarto, móvel por móvel, e lembro-me de muitas casas que desapareceram da minha vida, como por exemplo, a casa dos meus avós que foi leiloadada, vendida, as coisas dispersas... Eu penso que há em todo o homem, em todo o poeta, uma tentativa de conservar uma eternidade que está latente nas coisas, porque no fundo, todos nós amamos as coisas sob um olhar de eternidade mesmo que depois vejamos as coisas desfazerem-se ... Eu tento "representar", quer dizer, "voltar a tornar presentes", as coisas de que gostei e é isso que se passa com as casas; quero que a memória delas não vá à deriva, não se perca”. *EDUARDO PRADO COELHO (1986, p.60-67)*

A casa, o quarto e tudo que a compõem, mais do que uma paisagem ou de um lugar geográfico, significam a segurança aconchegante do útero, a privacidade, a escuridão, a vida biológica, a própria solidão. É onde a alma se sente acolhida, onde o eu-lírico pode revelar os seus sentimentos mais profundos.

*BACHELARD (2008, p.84)*, aponta que “a casa, mais do que uma paisagem ou de um lugar geográfico, é um estado da alma que, mesmo produzida em seu aspecto exterior, ela impõe-se como centro de devaneios onde se condensam e se dispersam as fantasias mais íntimas.”

No poema Casa Branca (2018, p.82), na primeira estrofe o eu-lírico constrói a imagem da sua casa branca, à beira mar, em alguma praia da sua vida, onde estão guardadas as coisas que eram suas, seu passado, sua identidade. A casa branca em frente ao mar constitui-se no seu espaço vital, o centro de quimeras onde se condensam e se dispersam as fantasias mais íntimas. “Há na casa algo de rude e elementar que nenhuma riqueza mundana pode corromper, e, apesar do seu halo de solidão e do seu isolamento na duna, a casa não é margem mas antes convergência, encontro, centro.” (*MARIA ANDRESEN SOUSA TAVARES, 2014*).

Ainda segundo *Bachelard* (2008, p. 200), foi nela que plantou suas raízes e transformou-a no seu “canto do mundo”. Ela foi seu universo, um verdadeiro cosmos, o seu “porto seguro”.

Envolta em um profundo silêncio embala e torna mais intenso o devaneio poético, tornando possível o milagre de “ver” as posses do eu-lírico através dos pensamentos, dos sonhos, das mágicas reminiscências da sua imaginação. As palavras de *Bachelard* parecem fazer eco ao poema casa.

Casa branca em frente ao mar enorme  
Com o teu jardim de areia e flores marinhas  
E o teu silêncio intacto em que dorme  
O milagre das coisas que eram minhas.

.....

A ti eu voltarei após o incerto  
Calor de tantos gestos recebidos  
Passados os tumultos e o deserto



Beijados os fantasmas, percorridos  
Os murmúrios da terra indefinida.

Em ti renascerei num mundo meu  
E a redenção virá nas tuas linhas  
Onde nenhuma coisa se perdeu  
Do milagre das coisas que eram minhas..  
(Poesia, 1944)

A “segunda estrofe” são apenas reticências. Uma linha separa a primeira da segunda estrofe, parecendo condensar o tempo entre a primeira e a terceira estrofe. O mito do eterno retorno parece espessar o poema. Onde tudo permanece e tudo à poeta pertence.

O silêncio, à casa a beira mar, uma praia deserta, seja ela real ou imaginária, envolta em uma profunda quietude, que embala os devaneios do eu-lírico e o faz encontrar a sua própria essência e a guarda segura na sua imaginação. As reticências deixam em suspenso o que não deve ser revelado e faz com que o leitor comungue e prolongue o milagre desse instante.

A terceira estrofe sugere uma promessa de retorno ao aconchego da casa na praia após conhecer e ter contato com o mundo externo e sua hostilidade, principalmente no que se refere às cidades e os espaços urbanos.

Na quarta estrofe, após ter experimentado as adversidades do mundo, o deserto povoado por demônios e tentações mundanas, a ausência da sua praia, e do seu ambiente marinho, há o retorno à casa em frente ao mar enorme, sem fim. É a promessa do renascimento do eu-lírico num mundo que é só seu, num lugar onde nada se perdeu daquilo que o constitui e que lhe faz único. Para *Bachelard(2008, p.34)* todos nós possuímos uma casa onírica, de lembranças e sonhos, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. Os poemas, mais do que nossas memórias ou lembranças, nos fazem chegar a essa casa imaginária, integradora dos devaneios, dos pensamentos e do Eu.

O poema “A casa está na tarde” é um exemplo de sua poesia caracterizada pela intimidade com o mundo natural e a sondagem de temas existenciais e metafísicos, criando uma atmosfera de melancolia e introspecção.

Na primeira estrofe há uma dualidade entre o presente, que situa a casa imersa na tarde envolta em uma atmosfera taciturna, e o passado, um tempo antigo, caracterizado pelo reflexo brilhante nos espelhos.. Dois tempos diferentes que evocam uma sensação de conflito.

A segunda estrofe evoca os elementos da natureza, as palmeiras que rangem com o vento, as estrelas que brilham no firmamento e o jardim noturno de paixões e perfumes. É

uma natureza que envolve uma sensação de encantamento, mas, há a presença constante da casa.

Na terceira estrofe, a casa branca que se avista de longe e seu quarto sombrio, atravessado pelo rio, criando uma incerteza, uma duplicidade de sentidos evidenciado pelo exterior branco da casa e a escuridão do seu interior.

A última estrofe, as mil portas abertas revela o vazio dentro da casa e uma sensação de vulnerabilidade. O interior dos armários vazios e escuros, sugerem uma ausência que teve início quando pousou os primeiros passos no quarto, onde pousou o rosto sobre a lua, evidenciando a solidão e a finitude da vida.

A casa está na tarde  
Actual mas nos espelhos  
Há o brilho febril de um tempo antigo  
Que se debate emerge balbucia

Com um barulho de papel o vento range na palmeira  
O brilho das estrelas suspende nosso rosto  
Com seu jardim nocturno de paixão e perfume  
A casa nos invade e nos rodeia

A casa vê-se de longe porque é branca  
Mas sombrio  
É o quarto atravessado pelo rio

A casa jaz com mil portas abertas  
O interior dos armários é obscuro e vazio  
A ausência começa poisando seus primeiros passos  
No quarto onde poisei o rosto sobre a lua  
(Geografia, 1967)

Ainda uma vez, *Bachelard* nos fornece importantes pistas de entendimento da poética de Sophia, assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradas, viajamos até o país da infância imóvel, imóvel como imemorial. Vivemos fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças de imagens, de sonhos que evocam a poesia perdida. (*BACHELARD 2018, p. 201*).

No poema “No Quarto” (2018, p. 437),

No quarto remoemos o sabor da fome  
 A nossa imaginação divaga entre paredes brancas  
 Abertas como grandes páginas lisas  
 O nosso pensamento erra sem descanso pelos mapas  
 A nossa vida é como um vestido que não cresceu conosco  
 (Geografia, 1967)

*Bachelard*, (2008 p. 344) nos fala que o onirismo da imagem do quarto, para alcançá-la, torna-se necessário um estado “anormal” de consciência, uma sensação de “anormalidade” como num sonho em que nos voltemos para nós mesmos. Então, toda a intimidade “das paredes brancas abertas como páginas lisas, de denso silêncio puro”, nos penetra e transforma-se na nossa própria intimidade que, no nosso espaço interior, por sua vez, assume toda a tranquilidade do quarto.”O quarto é, em profundidade, nosso quarto e ele está em nós. Não o vemos mais. Ele não nos limita mais, pois estamos no fundo mesmo de seu repouso, no repouso que ele nos conferiu. E todos os quartos de outrora vêm-se encaixar nesse quarto”.

*Vasconcellos, Maria E.G. (1980)* diz que “a geografia onírica do quarto, refere-se aos movimentos de fechamento e abertura, uma característica do homem, um ser entreaberto”. Um ser com um poder inesgotável de despertar as “fontes do saber”, de entender e admirar as belezas que o cerca e do mundo antes mesmo de saber se são verdadeiras ou verificáveis. O poeta por sua vez, se oferece à vida, deixa-se possuir por ela para poder usufruí-la, sempre com uma perspectiva de futuro e sempre buscando uma nova maneira de acessar as coisas do mundo, excluindo a opacidade e desnudando o real.

O fato da imaginação divagar entre paredes brancas e páginas lisas, podemos interpretar como um desejo do eu-lírico ou algo não realizado. Envoltos no vórtice da própria existência, o sujeito poético erra incessantemente pelos mapas desenhados da vida, vida esta que flui, breve e efêmera. “A nossa vida que é como um vestido que não cresceu conosco”, ficou pequeno. Já as Nereides, as ninfas do mar, jamais perderão suas vestes personificadas pelas ondas do mar.

Pudesse eu reter o teu fluir, ó quarto  
 Reter para sempre o teu quadrado branco  
 Denso de silêncio puro  
 E vida atenta  
 .....

Que dos meus ombros jamais tombasse o tempo  
 Marinho misterioso e antigo  
 Assim como as nereides

Não perderão jamais seu manto de água  
(Geografia, 1967)

### **3.2 -O exterior - espaços abertos e amplos**

Sophia recorre aos espaços abertos os quais remetem à liberdade, ao domínio público e à ausência de barreiras. É uma promessa de aventura e de independência quando escreve sobre o mar, as praias, a cidade, os jardins, os espaços públicos. Porém, o mar é seu tema primordial. Além das praias atlânticas do norte do litoral português e das praias do Algarve, destaca-se a presença da paisagem dos mares e das praias Mediterrâneas, do Mar Egeu, como também as ilhas.

*Maria Solnice (2012)*, salienta que a poesia de Sophia é extremamente imagética e, mais que “produzir” a existência de uma cena ou objeto, ela o re-inventa de tal forma que o torna único”. O mar é tema recorrente em sua poética mas, ele não se repete, pois a cada poema nos faz sentir e ver um mar diferente por meio das palavras que utiliza em seus versos, e o faz com tal maestria que parece soletrar imagens, levando-nos a visualizar, todas as referências mágicas e extremamente pertinentes do que diz.

No poema “Meio Dia” (2018, p.70) nos leva a um lugar, um canto de uma praia deserta, sem fantasmas, sem almas, sem ninguém. Lugar onde o sol está absolutamente resplandecente, valorizado por uma quádrupla adjetivação, alto, fundo, enorme e aberto, em pleno zênite solar onde tomou a limpidez do céu e onde reina absoluto. Nessa atmosfera luminosa, tudo é abolido, não há passado, não há presente, e o que verdadeiramente existe é a o sagrado e a imagem condensada de uma promessa de uma eternidade, purificada pela intensa luminosidade e pelas águas do mar. Um lugar onde o mar também recebeu uma tríplice adjetivação; imenso, solitário e antigo. A profundidade da cena em que o eu-lírico se encontra como que arrebatado para fora de si mesmo e do próprio mundo sensível, num momento sagrado de comunhão, apresenta-nos o sol e o mar com toda a sua potência e exuberância. Nesse enlevo, nessa comunhão entre o sujeito-poético e a natureza, apenas o “marulho” do fluir e refluir das ondas quebram o silêncio do momento e o mar “Parece bater palmas”.

*Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos (1980)* salienta que, o “canto da praia”, valendo-se da multiplicidade de sentidos das palavras e considerando-se a êxtase da “imagem pintada” do meio-dia, diz do mar como o entoador do único canto possível: primordial, verdadeiramente exclusivo e sem igual.

Meio-dia. Um canto da praia sem ninguém.  
 O sol no alto, fundo, enorme, aberto,  
 Tornou o céu de todo o deus deserto.  
 A luz cai implacável como um castigo.  
 Não há fantasmas nem almas,  
 E o mar imenso, solitário e antigo  
 Parece bater palmas.  
 (Poesia, 1944)

Nos poemas “Mar Sonoro”, (2018, p. 132) e “As Ondas quebram uma a uma” (2018, p. 129), é em torno de um espaço aberto e concreto, o mar que, transfigurado pela imaginação poética da escritora torna-se um espaço mágico e perfeito, onírico, despertando as mais diversas percepções sensoriais, deixando transparecer uma relação íntima e extasiada do eu com o divino, corroborada pela pura, bela e intocável natureza que o cerca.

Nesse tempo infinito de contemplação do ir-e-vir das ondas num constante e eterno movimento de embalo e num ritual envolvente, é como um convite ao repouso, a meditação, a um estado de perfeita satisfação e plenitude. Nesse instante, não há fronteiras espaciais ou temporais mas, funda-se um tempo infinito e mágico, onde o eu-lírico e o mar participam da mesma atmosfera, do mesmo encantamento.

Nessa permanente complexidade da relação do homem com a grandiosidade pura da natureza, revestida de solenidade e de beleza, a poeta toma consciência da manifestação do sagrado e estabelece uma ligação do Eu com o divino. As ondas simbolizam uma passividade, uma atitude daquele que se deixa levar, a espuma do mar, na mitologia, remete ao elo com o Ser Supremo. Logo, a natureza é a única conexão com o Deus que, de tão profundo, é quase inacessível à consciência humana, que para manter-se íntegra torna-se necessário assegurar a essência do Eu e não permitir que acontecimentos ou fatos a modifiquem. Assim é a poesia de Sophia, imensa, profunda, sempre em busca do real, tal qual como o mar, sonoro, sem fundo e sem fim.

“As ondas quebravam uma a uma  
 Eu estava só com a areia e a espuma  
 Do mar que cantava só pra mim.”  
 (Dia do Mar, 1947)

“Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim,  
 A tua beleza aumenta quando estamos sós  
 É tão fundo intimamente a tua voz  
 Segue o mais secreto bailar do meu sonho,  
 Que momentos há em que eu suponho  
 Seres um milagre criado só pra mim.”  
 (Dia do Mar, 1947)

Entre ambos, o mar e o eu lírico, há uma relação direta de solidão e o único som que se ouve é a voz do mar. Para Sophia o mar canta apenas para ela e é desse entendimento que torna possível a mutação da voz do mar no milagre da poesia, um dom apenas para quem o contempla, com um olhar de absoluta cumplicidade e encanto. A magia eternizada no instante. Assim, nessa relação de sedução e encantamento, no primeiro poema o mar canta para o eu lírico, já no segundo poema o poeta é quem passa a cantar o mar na cadência dos seus versos; “ num milagre criado só pra mim”.

Com estes espaços, abertos e sem fim, o eu-lírico estabelece uma relação que assemelha-se com as dos ambientes fechados, pois, há a prevalência de um sentimento de solidão, de intimidade “(...) porém trago/ Uma balança interior uma aliança/ Da solidão com as coisas exteriores” *ANDRESEN* (2018, p. 530). Um silêncio profundo, quebrado apenas pelo som rítmico das ondas se fragmentando, perceptível apenas pelo eu- poético.

#### 4 – O Mar

Em uma entrevista concedida a *Vasconcelos*(1991)<sup>7</sup>, declarou que sua infância foi maravilhosa Graças a Deus, aos seus pais, ao mar e às praias. “A praia da Granja é o sítio do mundo que mais gosto. Há aqui qualquer alimento secreto. Chegar a uma praia dá-me sempre uma certa embriaguez. Além disso, a praia “LAVA-ME, RENOVA-ME, RECREIA-ME, fisicamente, moralmente, espiritualmente.”

Verdadeiramente é em torno da sua concretude que a poeta libera sua imaginação e tece uma rede em que maresia, ondas, areia, espuma, sal, praia, combinam-se para formar um espaço mágico perfeito, onde todas as sensações são despertadas e passam a comungar com os

---

<sup>7</sup> - “Sophia: a luz dos versos”. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos. *In Jornal de Letras*. Lisboa-Pt, junho/1991, p 8-13.

horizontes infinitos de desejos e aspirações proporcionadas pela liberdade e sutilezas da paisagem marinha.

O mar é o elemento fundamental na obra da poetisa, abarca um saudosismo profundo das navegações lusitanas, divaga pela mitologia grega e chega até às memórias da sua infância. Logo, a temática expõe aspectos ligados ao eu-lírico e sua comunhão com a pureza presente na natureza, e com sua própria maneira de “ler” tudo que a cerca e a mais profunda solidão. É na praia, defronte ao mar, ante a imensidão e os mistérios do mar, perdida na “Paisagem”, (2018, p. 94), como no fragmento,

Era a verdade e a força do mar largo,  
Cuja voz, quando se quebra, sobe  
Era o regresso sem fim e a claridade  
Das praias onde a direito o vento corre.  
( Poesia, 1944)

que vem dizer da liberdade, enquanto o convite feito pelo mar com seu mágico movimento cíclico, à superação da finitude humana, como no poema “**Liberdade**” (2018, p.376),

Aqui nesta praia onde  
Não há nenhum vestígio de impureza,  
Aqui onde há somente  
Ondas tombando ininterruptamente,  
Puro espaço e lúcida unidade,  
Aqui o tempo apaixonadamente  
Encontra a própria liberdade.  
(Mar Novo 1958)

Sophia ao escrever “Aqui nessa praia onde não há nenhum vestígio de impureza”, dá a perceber um certo desconforto do eu-lírico em relação ao mundo externo à praia, tomado pela sujeira, a decadência, talvez a falta de liberdade. Logo, a forma de escapar desse incômodo, desse cerceamento de idéias exigidas dela e do seu povo é buscar refúgio junto ao mar, longe da cidade e dos homens, na limpidez ilesa e incorrupta da paisagem marinha, “Aqui nesta praia onde, me lavo, me renovo e me recrio”, é onde busca a pureza e a virtude simbolizadas pelo unicórnio branco, reafirmado no poema “Dai-me o sol das águas azuis e das esferas” (2018, p.278).

Dai-me o sol das águas azuis e das esferas  
Quando o mundo está cheio de novas esculturas

E as ondas inclinando o colo marram  
Como unicórnios brancos. (Coral, 1950)

As ondas comparadas aos unicórnios brancos remetem ao poder, à pureza. É o animal de bom augúrio, simboliza a flecha espiritual, a espada de Deus, a revelação divina e a penetração do divino na criatura, e seu mito é o da fascinação que a pureza continua a exercer sobre os corações mais corrompidos. A lenda ainda atribui ao seu chifre uma essência mágica com capacidade curativa, também de ampliar a virilidade e a fertilidade.

Ao bater de encontro às areias da praia tal como um unicórnio a coicear, o mar espalha uma interminável desmedida energia, cuja força purificadora é repetidamente realçada nos poemas de Sophia Andresen.

Através das imagens, associadas a percepções sensoriais diversas, deixam transparecer que é esse contato íntimo com a natureza que formam as partituras que regem os movimentos do poema: e só o poeta é capaz de “dizer” o mar, as ondas, a brisa, aquele que é capaz de sentir, de ver e de ouvir a voz do mar, o grito das ondas, e a própria liberdade.

No poema “Mar” (2018, p.69), Sophia expressa uma profunda e sublime conexão com a natureza, fazendo com que o Eu lírico se una com os elementos naturais e, através da linguagem poética externa seus sentimentos e emoções a uma praia, que pode ser a da Granja da sua infância.

Em sua declaração de amor o eu poético salienta que, de todos os lugares do mundo é a praia, um lugar especial e privilegiado, que consegue despertar um amor mais forte, mais profundo e mais intenso. O Eu lírico alimenta um sentimento tão profundo àquela praia extasiada e nua, que a personifica e lhe atribui qualidades humanas, intensificando seu desejo de comunhão com o mar, o vento e a lua.

De todos os cantos do mundo  
Amo com um amor mais forte e mais profundo  
Aquela praia extasiada e nua,  
Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

II

Cheiro a terra as árvores e o vento  
Que a primavera enche de perfumes  
Mas neles só quero e só procuro  
A selvagem exalação das ondas  
Subindo para os astros como um grito puro.



No segundo políptico, apesar do cheiro da terra e do perfume primaveril das flores que a cobrem, é apenas o cheiro exalado pelas ondas que provocam o clímax de prazer que a levam aos céus. É a poeta reafirmando a sua excepcional relação com o ambiente marinho, e com a natureza, e o desejo de se fundir ao cosmos.

#### 4.1 – Mar primordial

O mar das águas primordiais, o elemento inicial, primeiro berço, fonte da vida, meio de purificação e centro de regenerescência. Representa a totalidade do infinito, os segredos mais profundos do ser e do mundo, o eterno movimento, a beleza, a abundância, a pureza, o desejo de aventura, descoberta e conhecimento, lugar de transformações e de renascimento; a imagem da vida e da morte.

Na mitologia de diversas culturas ou civilizações representavam o cosmos envolvido por um oceano cósmico ou um rio celestial.

No *Enma Eli*<sup>8</sup>, o mito da criação babilônico está escrito:

“Quando no alto não se nomeava o céu,  
E em baixo a terra não tinha nome,  
Do oceano primordial (Apsu), seu pai;  
E da tumultuosa Tiamate, a mãe de todos,  
Suas águas se fundiam numa, e nenhum campo estava formado,  
Nem pântanos eram vistos;  
Quando nenhum dos deuses tinham sido chamados a existência,  
Nem se pronunciaram nomes, nem se decretaram destinos.  
Então, nasceram deuses dentro deles”. (Enuma Elish – Wikipédia)

Na mitologia egípcia, todos os mitos contam que o mundo surgiu de um oceano infinito e sem vida quando o sol levantou-se pela primeira vez, e ocorreu a transformação de Num, – um ser subjetivo - o líquido cósmico que deu origem a vida de Atum, um ser objetivo, um Deus primordial e criador, que provocou uma explosão que resultou na criação do universo. Atum está relacionado ao deus Rá e já possuía a potência de existências nas Águas

---

<sup>8</sup> - Enuma Eliš é o mito da criação babilônico. Tem cerca de mil linhas escritas em babilônico antigo ou acadiano sobre sete tábuas de argila, cada uma com cerca de 115 a 170 linhas de texto. (Wikipédia)

de Num como um ser inerte. Ele gerou a si mesmo e evoluiu de um único ser até a multiplicidade dos elementos.

Na Ásia, a água é a forma substancial da manifestação, a origem da vida, o elemento da regeneração corporal e espiritual, o símbolo da fertilidade, da pureza, da sabedoria, da graça e da virtude. Nos textos hindus, “tudo era água”; “as vastas águas não tinham margem”, escreveram os taoístas. Já os chineses dizem que” a água é o Wu-ki, o caos, a indistinção primeira”.

Para Platão ( Século IV a.C),em um dos seus diálogos - o Timeu, escreveu que“ o universo foi criado por um artesão divino, o demiurgo- o artífice responsável pela criação do universo, que a partir de uma substância disforme trouxe ordem e equilíbrio e as separou em quatro elementos: terra, ar, fogo e água”.*MANINI, JOÃO LUIS SERRA (2014)*.

Na história da criação Bíblica, em Gênesis, “ a terra era sem forma e vazia, e havia trevas sobre a face do abismo; e o espírito de Deus se movia sobre a face das águas (...) e disse Deus; Haja uma separação entre águas e águas” *BÍBLIA SAGRADA (1990) ...*”

*Mircea Elide (1992)* define que esta dicotomia no espaço parece consequência da oposição entre o Cosmos, um lugar organizado, habitado, real e o Caos, espaço desconhecido, indeterminado, um outro mundo, caótico, povoado por espectros e demônios. É preciso observar que, se todo território habitado é um “Cosmos”, é justamente porque foi consagrado previamente e porque, de uma forma ou de outra esse território é obra dos Deuses ou está em comunicação com o Sagrado, o qual revela a verdade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação e estabelece a ordem cósmica”

#### **4.1.1 – O mar primordial de Sophia**

O Caos é a imagem primeira nas mais diversas mitologias. A ordenação do Caos, o surgimento do Cosmos é a passagem de uma massa caótica, disforme, indefinível, para algo harmonioso, ordenado; como a passagem das trevas para a luz, a separação da das águas e da terra, da destruição para as construção das formas.

No entanto, a ideia de que tudo originou-se no caos dos mares e oceanos é de caráter bastante universal e como vimos anteriormente, está presente em diversas e variadas culturas advindas desde os primórdios dos tempos.

A poética de Sophia também situa o Caos no mar, como podemos observar no poema “Fechei a Chave”.

Fechei a chave todos os meus cavalos  
A chave perdi-a no correr de um rio  
Que me levou para o mar de longas crinas  
Onde o caos recomeça – incorruptível (Dual, 1972, p.622)

Sophia no primeiro verso do seu poema revela que trancafiou a chave todos os seus cavalos. A primeira reflexão nos leva a indagar o que seriam os cavalos da poeta ou, o que representam os cavalos em seu poema? Seria uma imagem-metáfora-alegoria-símbolo-mito, algo que só a poeta saberia ou talvez, uma “revelação” dos deuses ou das musas a respeito da impetuosidade do desejo humano? Vejamos:

Existe uma crença fixada na memória de vários povos que associa originalmente o cavalo às trevas do mundo ctôniano<sup>9</sup>, quer ele surja galopante como o sangue nas veias, das entranhas da terra ou das abissais profundezas do mar, filho da noite e do mistério, esse cavalo arquetípico é portador de morte e de vida a um só tempo. Mas, a noite conduz ao dia e o cavalo, ao passar por esse processo, abandona suas sombrias origens para elevar-se até os céus em plena luz, deixa de ser ctoniano e torna-se solar. (...) Na cultura Grega os cavalos puxam o carro do Sol, e a ele são consagrados. O cavalo é atributo de Apolo, em sua qualidade de condutor do carro solar. Esse cavalo Celeste representa o instinto controlado, dominado, sublimado, entretanto, a despeito dessa nova acepção, o cavalo tenebroso prossegue sempre, dentro de nós na sua corrida infernal; ele é por vezes benéfico, por vezes maléfico.  
*JEAN CHEVALIER e ALAIN GHEERBRANT (2020)*

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2020, p. 260.) ainda falam que o cavalo é montaria, de dia, galopa impetuosamente às cegas, e o cavaleiro o conduz rumo à meta que se propôs alcançar; à noite, quando é o cavaleiro que por sua vez se torna cego, o cavalo então tornar-se vidente e guia e, a partir daí, é ele que comanda pois, só ele é capaz de transpor impunemente as portas do mistério inacessível à razão e, só haverá triunfo se houver concordância entre ambos. Os autores relacionam o cavalo à impetuosidade do desejo, da juventude do homem, com tudo que ela contém de ardor, de fecundidade, de generosidade.

---

<sup>9</sup> Mundo ctôniano ou octônico - relativo a terra e aos deuses e espíritos que povoam o mundo subterrâneo mais do que a superfície terrena, como: Hades- Senhor do submundo, Medusa, Tântalo, Gaia e outros.

A poeta ao trancá-los a chave, evidencia o seu poder de abrir e fechar, ligar e desligar. Remetem a Jano – o guia das almas, o deus romano com duas faces que olham em direções opostas que, com um bastão na mão direita, uma chave na mão esquerda, guarda todas as portas e governa todos os caminhos. É o deus das mudanças e transições que tem o poder de todos os começos. No cristianismo, as chaves do Reino do Céu foram entregues a Pedro pelo Cristo e, hoje estão gravadas no brasão de armas do Vaticano.

Sophia continua seu poema confessando que: “A chave perdi-a no correr do um rio/ Que me levou para o mar de longas crinas”. O simbolismo do rio e o fluir de suas águas podem ser associados a diversos significados ao longo dos tempos em culturas diversas. Ele, o rio por sua natureza fluente e estar em constante movimento, podemos vê-lo como símbolo da transitoriedade e das infinitas possibilidades e oportunidades de renovação, reconstrução e recomeço. Uma promessa de esperança e fé, representado pela ideia de que nada é permanente e que sempre há espaços para mudança e crescimento.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2020, p. 858) afirmam que pode-se considerar o rio, a descida da corrente em direção ao oceano que é o ajuntamento das águas, o retorno à Nascente Divina, o acesso ao Nirvana.

Sob outra ótica, seria esse ato de fechar a chave o final antes da sua vida? O sacrifício dos seus cavalos para que possam conduzi-la em cortejo ao reino de Hades, a exemplo do cerimonial fúnebre de Pátroclo na *Ilíada*<sup>10</sup>? As chaves perdeu-as no correr de um rio. Podemos inferir que a poeta faz uma alusão a um dos cinco rios<sup>11</sup> subterrâneos de Hades, mas, o rio, um dos caminhos necessários para atingir a sua “metamorfose” a leva para o mar. “Ali então” (2018, p. 547), (...) Tudo será tão próximo do mar como o primeiro dia conhecido (Geografia, 1967). Ali então, no mar imenso, profundo e azul, o elemento primordial, símbolo da dinâmica da vida, o ciclo recomeça. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele, numa eterna rotação, renascimento, recomeço e regresso.

Quando a poeta escreve renascimento, recomeço, regresso, não se sabe ao certo como proceder essa leitura, uma vez que Sophia não menciona de que forma deveria ser interpretada. Quando foi instada a falar a respeito do sentido da imortalidade sob a ótica do religioso e do espiritual na existência humana, declarou:

<sup>10</sup> *Ilíada* de Homero – Canto XXIII – Aquiles pranteia a morte de seu amigo Pátroclo em sacrifício, atira nas chamas da pira fúnebre quatro soberbos cavalos de colo altanado para que conduzam o amigo morto ao Reino de Hades.

<sup>11</sup> - Rio de Hades – indicam quais são os tormentos reservados aos condenados: Aqueronte (dores), Flegetonte (fogo), Cócito (lamento), Estige (Horrores) e Lete (esquecimento).

”A poesia é uma das raras actividades humanas que, no tempo actual, tentam salvar uma certa espiritualidade. A poesia não é uma espécie de religião, mas não há poeta, crente ou descrente, que não escreva para a salvação da sua alma – quer a essa alma se chame amor, liberdade, dignidade ou beleza. (ANDRESEN, 1997)

*Ceia (1996)* escreve que “ a preocupação de Sophia pela unidade do Ser aproxima-a da moderna teologia que tenta forjar o homem como uma unidade que se decomporá na morte e a ressurreição seria a total recriação do ser”.

Já *VÂNIA BERNARDO (2006)* em sua tese “*Jerusalém & Atenas: Uma leitura comparada de Adélia Prado e Sophia de Mello Breyner Andresen*” chama atenção para o desejado novo nascimento do sujeito poético, não esteja necessariamente no dos deuses gregos, mas pode configurar-se como uma renovação do espírito no sentido do cristianismo.

O mar em Sophia como nos diz *Langrouva (2002)* “ é espaço de nascimento, de renovações e de descidas às profundezas – o fundo do mar é o fundo mais fundo que o próprio pensamento do eu poético que, por desejo, se põe à prova desde o momento do seu nascimento a ao longo de toda a sua vida”. Ele se faz presente e configura-se como um elemento atemporal capaz de enlaçar e entrelaçar os temas que percorrem toda a obra de Andresen..

Para tentarmos pensar nesta forte ligação da poeta com o mar, *Bachelard (1998,)*, conceitua que as imagens primordiais e que deixam traços indeléveis em nossos sonhos são as primeiras imagens materiais e estão ligadas à infância. São imagens orgânicas, dinâmicas e ativas, estão ligadas às vontades simples, rudimentares e materialistas. Logo, devemos voltar nosso olhar à infância de Sophia, aos primeiros encantos da então menina, que eram as férias, as dunas, o norte de Portugal, na praia da Granja – o Atlântico. Suas reminiscências, suas vagas e quase apagadas recordações são as primeiras vigas da sua navegação poética, o primeiro mar que era o mar em si próprio, “ o sítio do mundo que mais gosto e no qual há qualquer alimento secreto”, conforme declarou a *EDUARDO PRADO COELHO (1986)*.

O mar que a arrebatava de forma tão intensa e apaixonada é aquele mesmo mar que carrega dentro de si, cujas declarações estão em seus versos como “ Mar, Metade de minha alma é feita de maresia”, *ANDRESEN (2018, p.68)* ou, “Um dia serei eu, o mar e a areia, A tudo quanto existe me hei de unir (...)” *ANDRESEN (2018, p. 108)* , ou ainda, “ De todos os

cantos do mundo/ Amo com um amor mais forte e mais profundo/ Aquela praia extasiada e nua, onde me uni ao mar, ao vento e a lua.” ( *ANDRESEN (2018, p. 69)*)

Esse desejo intenso de unir-se ao mar, “Onde sou a mim mesma devolvida/ Em sal espuma e concha regressada/ À praia inicial da minha vida.” *ANDRESEN (2018, p. 619)*, carrega um latente sentimento de finitude, como se, somente por meio da morte o eu poético conseguisse finalmente sua comunhão com o mar e a possibilidade de um regresso, de um “renascimento” a partir da pureza do mar - “ Ali, então, como o primeiro dia conhecido” (*ANDRESEN (1967, p.547)*) a poeta assume esse compromisso no poema “Inscrição” .

“Quando eu morrer voltarei para buscar  
Os instantes que não vivi junto do mar”  
Livro Sexto (1962, p.468).

Sophia elege o poema como o espaço capaz de aprisionar o instante contra o jugo da morte e do próprio tempo e o mar, o sol, a praia e toda a natureza é trazida à sua obra poética como um caminho “Inicial”

Onde o que está lavado se revela  
Para o rito do espanto e do começo  
Onde sou a mim mesma devolvida  
Em sal espuma e concha regressada`  
À praia inicial da minha vida”.  
(Dual, 1972, p.619)

Por essa razão, o sujeito-poético tende a voltar ao mar e à natureza não somente nesta vida, como também depois da sua morte. O mar torna-se desta maneira o início e o fim do homem, que podemos ver como o retorno à natureza..

#### **4.1.2 – Mar Liberdade.**

“O mar de Sophia é fundado na liberdade de navegação, mas o Domínio marítimo onde a navegação poética é possível, começa por se confinar à Granja, ao norte de Portugal, ao Atlântico e, depois de Livro Sexto, ao Algarve, ao Mediterrâneo e ao mar Egeu. Os limites parecem bem traçados, embora neles possamos reconhecer o espaço suficiente para permitir o devaneio do Poeta. Sophia podia, aliás, aproveitar o nome de um dos seus

livros, Navegações, para intitular toda a sua obra poética.” (CEIA 1996, p. 63-64).

Abordado intensa e insistentemente em toda a sua obra literária, com suas metáforas, imagens, aromas e música - o mar - podemos entender tanto a liberdade no ambiente marinho e nas navegações, como ao mar como metáfora da própria liberdade como no poema “Primeira Liberdade”

Eu falo da primeira liberdade  
Do primeiro dia que era mar e luz  
Dança, brisa, ramagens e segredos  
E um primeiro amor morto tão cedo  
Que em tudo que era vivo se encarnava.  
(No tempo dividido, 1954, p.333)

Espaço sagrado, ele, o mar, se multiplica indefinidamente e torna-se portanto, um primeiro modelo do tempo sagrado. É esta onipresença que legitima a abundância dos poemas de temática marítima, inspirados em circunstâncias diversas, se desdobram em idênticas imagens, mas, com uma profusão de significados e múltiplas qualificações como: “E o mar imenso solitário e antigo”, “Era a verdade e a força do mar largo, / Cujas vozes, quando se quebra, sobe.”, “Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim” “Num país sem flores onde o mar não é o mar” “E a voz do mar encheu o céu e a terra/ Uma voz que está cheia e se quebra/ E nunca mais acaba”, “(...) a voz do mar se torna exílio”

## 4.2 - O mar das navegações

O mar que inicialmente era fonte de mitos, lendas e terror. Lugar no qual emergiram os Deuses na Antiguidade Clássica e, segundo os homens da Idade Média, habitat de terríveis e temíveis monstros, frutos da imaginação e do medo do desconhecido. Com a evolução dos conhecimentos humanos, os limites do mar foram desafiados e vencidos e converteu-se num meio gerador de riquezas graças aos desbravamentos e às viagens ultramarinas.

Ele, o mar, que serviu de inspiração desde épocas remotas, influenciando os mais diversos autores e estilos artísticos na história cultural de Portugal, dos trovadores como Martins Codax no século XIII e sua cantiga “As ondas do Mar de Vigo”, aos célebres poetas como Camões e “Os Lusíadas” de 1572, Fernando Pessoa e seu “Mar Português”, e tantos outros literatos que se sucederam.

O mar do povo português e a inegável herança das navegações marítimas, dos heróis desbravadores que partiam rumo ao desconhecido, em busca de novos caminhos, contando apenas com a coragem e a fé

A navegação onírica de Sophia só será alcançada no momento em que se conseguir preservar o acaso. Navegar é a ilusão de sentir, ver e tocar, atividades estas possíveis só nos sonhos. O mapa seria o caminho fantástico da imaginação que permite descobrir o rumo, o caminho. O timoneiro desse sonho é o eu-poético navegante que, ante o mundo inventado e inavegável, vai tateando e elucidando o seu próprio poema.

Sophia declarou a *Vasconcelos (1980)* que

“há coisas que a pessoa navega tateando. Houve uma fase que refleti muito sobre a natureza da escrita. Agora não me interrogo muito sobre o modo, o quê e o como do que escrevo. Vou navegando. Vou encontrando, vou dizendo o que surge e o que faço. Sem dúvida a palavra é uma forma de não ser devorado pelo caos, pela confusão, pela contradição e o tumulto, apesar de ter um pacto com tudo isso, e de sem isso não atingir a plenitude”.

Poema “V” – “As Ilhas”.

Intrigas surdas de bordéis e paços)

Os homens sábios tinham concluído  
Que só podia haver o já sabido:  
Para a frente era só o inavegável  
Sob o clamor de um sol inabitável

Indecifrada escrita de outros astros  
No silêncio das zonas nebulosas  
Trêmula a bússula tateava espaços

Depois surgiram as costas luminosas  
Silêncios e palmares frescor ardente  
E o brilho do visível frente a frente

Navegação (1983)

O mar das “navegações” oníricas de Sophia; “é quando o olhar torna-se maior, mais abrangente que os feitos, é a desocultação, o descobrimento. É a *Aletheia*<sup>12</sup>, a verdade e a

---

<sup>12</sup> - *Aletheia*, palavra grega, que **significa** o não-oculto, não-escondido, não-dissimulado. O verdadeiro é o que se manifesta aos olhos do corpo e do espírito; a verdade é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. O verdadeiro é o evidente ou o plenamente visível para a razão.



realidade simultânea; o não dissimulado, é aquele olhar que as vezes está pintado à proa do navio”.’ É quando o jogo de invocações e ecos tornam-se explícitos nas linhas do poema e o eu-lírico celebra o deslumbramento e a realização dos navegantes diante do mar e das novas terras que vão alcançando, das descobertas, como no poema “Navegação”

Distância da distância derivada  
Aparição do mundo: a terra escorre  
Pelos olhos que a vêem revelada.  
E atrás um outro longe morre.  
(Dia do Mar, 1947, p.157)

Oi ainda, com no poema “As Ilhas” , no qual a poetisa invoca Camões e escreve:

Navegamos para Oriente –  
A longa Costa  
Era de um verde espesso e sonolento  
Um verde imóvel sob nenhum vento  
Até à branca praia cor de rosas  
Tocada pelas águas transparentes  
Então surgiram as ilhas luminosas  
De um azul tão puro e tão violento  
Que excedia o fulgor do firmamento  
Navegado por garças milagrosas  
E extinguíram-se em nós memórias e tempo  
(Navegações, 1983, p.727)

e a exemplo de Camões em “Os Lusíadas” , no canto I, exalta a paisagem e descreve uma imagem que os navegadores se deparam na viagem às Índias,

Tão brandamente os ventos os levavam  
Como quem o Céu tinha por amigo;  
Serenos o ar e os tempos se mostravam,  
Sem nuvens, sem receio de perigo.  
O promontório Prasso já passavam,  
Na costa da Etiópia, nome antigo,  
Quando o mar descobrindo lhe mostrava  
Novas ilhas que em torno cerca e lava.”  
“Os Lusíadas”(2018, C-1, p. 64)

No poema “V” (2018, p. 731) o eu lírico apresenta de forma sucinta as fascinação dos marinheiros pela realidade do mar;

“Ali vimos a veemência do visível  
O aparecer total exposto inteiro  
E aquilo que nem sequer ousáramos sonhar

Era o verdadeiro”  
(Navegações 1983).

Já no poema “III” (2018, p.739) e “IV” (2018, p. 740), nos traz a alegria e a euforia dos marinheiros no mar, e também sua antítese ao tornar visível a narrativa do fracasso e da morte, trazendo imagens que o mar sepultou e que não puderam ser contadas pelos tripulantes ou náufragos.

“Nus se banharam em grandes praias lisas  
Outros se perderam no repentino azul dos temporais” (Navegações, 1983).

Ele porém dobrou o cabo e não achou a Índia  
E o mar o devorou com o instinto de destino que há no mar  
(Navegações, 1983)

No poema “Navio Naufragado”<sup>13</sup> o eu lírico nos apresenta o mar como um reino de formas incertas, um misto de fascínio, mistério, e assombros. Um lugar fundo, suspenso e silencioso que guarda os destroços de um navio naufragado que vinha de um mundo completamente contraditório, sonoro, nítido e denso. (“Apesar das brumas da morte” poema do livro Poesia de 1944, Sophia pode estar lançando seu olhar para as ruínas do mundo em plena II Guerra Mundial). Guarda também um esqueleto branco do capitão, branco como as areias. O branco que é a cor privilegiada dos ritos de passagem, através dos quais se operam as mutações do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento.

*Kandinsky(1996)* nos diz que o branco, muitas vezes considerado uma não-cor, é como o símbolo de um mundo onde todas as cores, enquanto propriedades de substâncias materiais, se dissiparam. É um mundo além, imerso em um silêncio que se alastra até o infinito. O branco age em nossa alma como o silêncio absoluto; um vazio definitivo, mas, esse vazio não está morto pois transborda de possibilidades vivas. É um nada anterior a todo nascimento, anterior a tudo: o começo.

---

<sup>13</sup> - Sophia de Mello Breyner Andresen, Poema “Navio Naufragado9” do livro “Dia do Mar” - “Obra Poética (2018) p. 162.

As conchas que “segura” nas mãos remete, talvez, às pinturas “Nascimento de Vênus” de Botticelli e Ticiano, ou ainda, nascimento para os Astecas; o mundo subterrâneo e o reino dos mortos para os Maias; a viagem das almas dos mortos para os povos das Ilhas ocidentais do Pacífico, e ainda, a descida da alma da matéria, a fecundidade vinda dos mortos para os Sulawa.

As “algas em vez de veias”, remete a simbologia do alimento primordial. Imersa nas águas marinhas é um reservatório de vida, representa uma vida sem limites e que nada pode aniquilá-las. Já “uma medusa no lugar do coração” aponta a imagem deformado do seu eu. Revela o princípio dos impulsos espiritual e evolutivo pervertido em uma estagnação vaidosa.

*CEIA. (1996)* conta que “As medusas de Sophia pertencem a uma espécie que está simbolicamente ligada ao Centro místico, tomado como verdadeiro nife do indivíduo, representado nos códigos esotéricos na figura do coração ( em si mesmo um Centro); no imaginário de Sophia, este Centro está duplamente representado: negativamente, na imagem do coração-medusa no cadáver de um capitão de mar; Depois, no sentido positivo, arquetipa de equilíbrio e signo de imortalidade, a medusa, como Centro místico, aparece metaforicamente naqueles barcos que o Poeta observa a deixar o cais em direção a um mar noturno”.

Vinha dum mundo  
Sonoro, nítido e denso.  
E agora o mar o guarda em seu fundo  
Silencioso e suspenso.

É um esqueleto branco o capitão,  
Branco como as areias,  
Tem duas conchas na mão  
Tem algas em vez de veias  
E uma medusa em vez de coração.

Em seu redor as grutas de mil cores  
Tomam formas incertas quase ausentes  
E a cor das águas toma a cor das flores  
E os animais são mudos, transparentes.

E os corpos espalhados nas areias  
Tremem à passagem das sereias,  
As sereias leves de cabelos roxos  
Que têm olhos vagos e ausentes  
E verdes como os olhos dos videntes.

(Dia de Mar, 1947)

Os versos deste poema imprimem um ritmo lento e uma certa imobilidade, um momento de expectativa em que se espera algo acontecer ou ainda a dissolução, o término da viagem, os fatos já acontecidos.

## 5 – Conclusão

A minha pretensão ao iniciar este trabalho foi de tentar conhecer um pouco mais a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen.

Face à robustez do conjunto da sua obra, a qual engloba poesia, ficção – contos, inclusive contos infantis, teatro, ensaios e traduções diversas, direcionei meu olhar para a poesia, especialmente aquelas relacionadas ao mar. Primeiro procurei traços biográficos da autora em seus próprios versos, ou seja, “ver” Sophia pela própria Sophia. Para tanto, tornou-se necessário conhecer a própria definição de fazer literatura, principalmente poesia, do ponto de vista da poetisa e de alguns outros escritores.

Perscrutei também os seus lugares e espaços mágicos nos quais “habita e exercita” a “natureza dos seus sonhos e devaneios” e a sua incessante procura do real, os quais podem estar em lugares restritos, fechados e espaços interiores ou espalhados por lugares ou espaços amplos, abertos, sem fim.

Como mencionado anteriormente, selecionei poemas cuja temática é o seu amado e onipresente mar, - mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim. O mar com quem aprendeu esse “outro modo de conhecer como o que se lê nos seus versos:

“Foi no mar que aprendi o gosto da forma bela  
 Ao olhar sem fim o sucessivo  
 Inchar e desabar da vaga  
 A bela curva luzidia do seu dorso  
 O longo espriar das mãos de espuma”  
 O Búzio de Cós (1997)

Levando-se em consideração os aspectos observados conclui-se que ele, o mar, é o principal fio condutor que permeia toda a obra Andreseniana. Um tema de imensa

positividade uma vez dificilmente se encontra em sua poesia qualquer testemunho digno das tragédias marítimas portuguesas ou de qualquer outra guerra.

Seu mar é melódico, harmonioso, revestido de pura beleza e encanto, o que vem caracterizar um estado de espírito ou uma situação que ora aparece na sua forma real, ora por meio de transformações, mas, conclui-se, sem a menor dúvida que ele é a metáfora inaugural do universo poético de Sophia Andresen que escreve muito além dele – o Mar.

Nos seus versos fala das suas criaturas, reais ou mitológicas, do colorido da fauna e da flora, das ondas, da espuma, do sol, do vento, da luz, das navegações e das mulheres e dos homens que vivem do mar e para o mar, mas, o que é mais surpreendente nos versos da poetisa e no próprio “posicionamento” do eu-lírico, é que toda navegação é resultante de observações e divagações a partir da praia, ou então, como navegadora onírica, “ao assumir o timão da sua embarcação, marea sempre com a terra a vista para não perder-se na imensidão do desconhecido mar azul.

Sophia navega a partir de seu “quarto pequeno e desprovido de mobílias”, das areias das praias que viveu ou visitou, desde o Atlântico, depois o Mediterrâneo e o Egeu, ou a bordo de um avião como quando escreveu alguns dos poemas que integram seu livro “Ilhas” (1989). Logo, pode-se considerar que sua poética não se baseia em experiências verdadeiras, reais, mas é fruto de uma navegação devaneadora de quem contempla e ama o mar e a própria existência e que a cada nova visão que se descortina ou a cada novo pedaço de terra, areia, ou o próprio marulhar das águas, ou a luz do sol, renova-se em seu peito a esperança da descoberta do paraíso.

Se os nautas portugueses, séculos atrás, erraram pelos mares à procura de terras desconhecidas, o eu-lírico Sophiniano, erra sem descanso pelos mapas. A poeta navegante põe-se “a bordo” dos seus sonhos, da sua fantástica imaginação e se permite “ouvir o poema” que lhe “ensinam as musas ou lhe sopram os deuses” e vai navegando e seguindo os “mapas da imaginação”, vai vendo, vai encontrando e dizendo o que surge e o que faz, e, o poema acontece.

A nível das imagens e das ideias não há nada que surpreenda nos mares de Sophia: “tudo o que é descrito é o que está à vista e, tudo o que não se vê de imediato já estava previsto”. *CARLOS CEIA (1996, P.68).*

Para alicerçar minha pesquisa e obter maior nitidez nas minhas conclusões, lancei mão de inúmeras entrevistas concedidas por Sophia a diversos entrevistadores, as quais foram

publicadas em jornais e revistas, A leitura das entrevistas revela a preocupação dos entrevistadores sobre a produção estética da poeta e seu fazer literário e sobre a literatura, além de registrar debates importantes sobre uma época, colaborando, dessa maneira, para os estudos da História e da própria Literatura. Considerei esse material de grande valor para aqueles que procuram e querem conhecer um pouco mais da sua obra. Dessa forma, eu os indico uma vez que trazem riquíssimas informações e maior conhecimento quanto às ideias, o estilo, a visão do mundo e a incansável e obsessiva busca do real dessa mulher apaixonante e extraordinária cujo pensamento estava muito além do seu tempo, a qual passei a conhecer um pouco mais.

## 6 – Referências Bibliográficas

**A Bíblia Sagrada** . São Paulo: Paulus, 1990

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “**Obra Poética**”. Rio de Janeiro - RJ: Tinta-da-China Brasil, 2018.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “Uma Personalidade Um Tempo Uma Obras”. Entrevista concedida a Eduardo Prado Coelho. **Revista ICALP**, Lisboa-Pt, agosto/dezembro de 1986, nº 6 , p. 60-77. Disponível em [https://purl.pt >entrevistas](https://purl.pt>entrevistas) Acesso em 01/06/2022

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “A Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen”. Entrevista concedida a Francisco Sousa Tavares. **Acção – Semanário da Vida Portuguesa**. Lisboa-Pt, novembro/1944, nº 189.

Disponível em <https://purl.pt>galeria>foto1> Acesso em 01/06/2022

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. “Sophia: a luz dos versos”. Entrevista concedida a José Carlos de Vasconcelos. *In* **Jornal de Letras**. Lisboa-Pt, junho/1991, p 8-13. Disponível em <https://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/f17/pag1>. Html Acesso em 25/06/2022

BACHELARD, Gaston. “**A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria**”. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com> Acessos em 01/06/2022

BACHELARD, Gaston. “**A Poética do Espaço**”. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Disponível em <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com> Acesso em 01/06/2022.

BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **Nas pausas do verso: a trama dos acontecimentos e seus intervalos na poesia de Sophia Andresen**. In Revista Navegações – Letras/Linguística, Porto Alegre/ RS. Jul/Dez 2010. v.3 nº 2. p. 180-187. –Disponível em [https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/issue /archive](https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/issue_archive) Acesso em 02/06/2022

BELCHIOR, Maria de Lourdes. “**Intinerário Poético de Sophia** “.Lisboa – PT. In Revista Colóquio/ Letras. Janeiro/1986. nº 89. p. 36-42. Disponível em <https://coloquio.gulbenkian.pt> Acesso em 01/06/2022

BERNARDO, Vânia Cristina Alexandrino. “**Jerusalém & Atenas: Uma leitura Comparada da Poesia de Adélia Prado e de Sophia de Mello Breyner Andresen**”. Niterói – RJ.. Tese (Doutorado – Grau: Doutor em Letras – Área de concentração: Estudo de literatura) – UFF – Universidade Federal Fluminense.. 2006. Disponível em <HTTp://dominiopublico.gov.br/download/texto/cp102208.pdf> Acesso em 01/06/2022

CAMÕES, Luís de. “**Os Lusíadas**”. Rio de Janeiro- RJ: Nova Fronteira.2018

CEIA, Carlos. “**Iniciação aos Mistérios da Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**”. Lisboa-PT: Vega, 1996.

CEIA, Carlos. **Monólogo Crítico – Nos 50 anos e vida literária de Sophia de Mello Breyner Andresen**. In: Revista Colóquio/Letras. Notas e Comentário, nº132-133 Abr-Set. 1994, p. 183-187. Disponível em <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/>

CHEVALIER, Jean et GHEERBRANT, Alain, “**Dicionário de Símbolos**”. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020

ELIADE, Mircea. **“O Sagrado e o Profano: A essência das religiões”**. São Paulo: Martins Fontes, 1992 disponível em <https://reinopoderegloria.files.wordpress.com/2013/08/mircea-elide-o-sagrado-e-o-profano.pdf> acesso em 01/06/2022

FERRAZ, Eucanaã. O infinito mar de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Poesia na Alma** – Cia das Letras. Dezembro/2018. Disponível em <http://www.poesianaalma.com.br/2018/12/o-infinito-mar-de-sophia-de-mello>. Acesso em 15/06/2022

HOMER, **“Ilíada”**, tradução Carlos Alberto Nunes, Rio de Janeiro- RJ. Nova Fronteira. 2015.

KANDINSKY, Wassily. **“Do Espiritual na arte: E na pintura em particular”**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 Disponível em <https://auh.308.files.wordpress.com/2013/03/sem-9-kandinsky.pdf> Acesso em 01/06/2022

LANGROUVA, Helena Santos Conceição. “Mar-poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: Poética do espaço e da viagem – I”. In **Revista Brotéria**. V 154. Lisboa PT. 2002. Disponível em [https://www.triplov.com/helena/viagem\\_01.html](https://www.triplov.com/helena/viagem_01.html) Acesso em 01/06/2022

LANGOUVA, Helena Santos Conceição. Mar-Poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen: poética do espaço e da viagem – II. In **Revista Brotéria**, V 155, Lisboa PT, 2002. Disponível em <https://www.triplov.com/sophia/helena2> - Acesso em 01/06/2002

MANINI, João Luis Serra, **O Deus artesão: o papel do Demiurgo no Timeu de Platão**. Cap.2 p.48. Dissertação (Mestrado em Filosofia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais – MG. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B3PHMT/1>

RABELO, Maria Sonilce Nunes Caetano. **O mar em Sophia: Poética, tempo e memória**. 96 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo-SP, 2012. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14704> Acesso em 10/06/2022



ROCHA, Clara. Nos 50 anos de vida literária de Sophia, **In Revista Colóqui Letras**. Ensaio , nº 132/133, Lisboa – Pt, abril/1994, p. 165-182

Disponível em <https://coloquio.gulbenkian.pt/index.Html> Acesso em 12/06/2022

TAVARES, Maria Andresen Sousa. **O espólio de Sophia**: (Sophia de Mello Breyner Andresen no seu tempo Momentos e Documentos). Seleção de conteúdos diversos, Sophia por vários artistas, Poemas de Sophia a amigos, Poemas para testemunhas e algumas entrevistas. BNP – Biblioteca Nacional de Portugal – Lisboa PT. Disponível em <https://purl.pt/19841/1/index.Html> Acesso desde 01/06/2022.

TUAN, Yi-Fu. “**Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência**”. DIFEL. São Paulo-SP. 1983. Disponível em [https://fundacc.sp.gov.br/uploads/2021/04/espaco\\_e-lugar-a-perspectiva-da-esperiencia-yi-fu-tuan.pdf](https://fundacc.sp.gov.br/uploads/2021/04/espaco_e-lugar-a-perspectiva-da-esperiencia-yi-fu-tuan.pdf) Acesso em 01/06/2022

VASCONCELLOS, Maria Elizabeth Graça de. “**A Harmoniosa Procura: A Obra de Sophia de Mello Breyner Andresen e seu Modelo Cíclico**” . 1980. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro. 1980

